

# ESTUDO DA LINGUÍSTICA CONTEMPORÂNEA: A ENUNCIÇÃO A PARTIR DE DOIS OLHARES ESTRUTURALISTAS

Giovana Reis LUNARDI  
Universidade de Passo Fundo

**RESUMO:** A proposta deste artigo visa à compreensão do conceito de enunciação segundo estudos de Émile Benveniste (1989, 2005), comparado ao mesmo conceito elaborado por Oswald Ducrot (1987), na Semântica Argumentativa. Sabendo que tais linguístas têm perspectivas diferentes, embora saussurianos, a comparação visa demonstrar as possibilidades de estudo, conforme ambas as perspectivas, de distintos objetos linguísticos, como *valor, significação, sentido, sujeito e língua*. Após a investigação bibliográfica, tomada como metodologia, compreende-se a importância da noção de enunciação para assumir como construto teórico uma das definições, diga-se aquela vinculada ao semanticista Ducrot. Além de apreender dois pontos de vista estruturalistas diante da enunciação, tem-se um dos panoramas da linguística contemporânea.

## 1 INTRODUÇÃO

A Linguística, nos últimos cinquenta anos desenvolveu-se significativamente em diversas teorias e áreas de análise, sejam fonológicas, morfológicas, fonéticas, sejam semânticas. Desde os primeiros estudos linguísticos buscaram-se categorizações dos elementos linguísticos isolados, uma vez que a gramática das línguas consistia na origem de sons e formas para compreender a organização desses elementos no uso, ou seja, na linguagem. O essencial termo – *estrutura*, pelo qual se tem o arranjo particular dos fonemas e morfemas que delimitam uns aos outros, tem em cada peça a sua razão de ser no conjunto que compõe. (BENVENISTE, 2005, p. 09). Faz vinte anos que o termo *estrutura* refere-se à linguística de cunho estruturalista; por relação *estrutural* originou *estruturalista* e *estruturalismo*, embora Ferdinand de Saussure nunca tenha empregado esse termo, mas sim, *sistema* é a partir dele que diferentes teóricos estudam a linguagem.

A escrita deste artigo visa compreender teoricamente o conceito de enunciação elaborado por dois linguistas franceses que se filiam ao estruturalismo saussuriano. Oswald Ducrot é um semanticista que tem revolucionado os estudos da linguagem e desenvolvido uma intrigante teoria cujo pilar é *a argumentação na língua*, ele foi aluno de Émile Benveniste, o *linguista da enunciação*, cuja teoria, dentre diversas produções, explicou à linguagem a presença das categorias eu/tu propostas pela *subjetividade*<sup>1</sup> no sistema linguístico. A evidência das filiações e da seriedade com o estudo da linguagem pode ser retratada pela sequência, que em realidade acaba por esclarecer como não é por acaso, a origem dos próprios estudos estruturalistas, a saber, Ducrot foi aluno de Benveniste que foi aluno de Saussure. Essa tríade da enunciação atua na linguística contemporânea, em desenvolvimento, nos estudos de linguística aplicada e outras áreas de estudo da linguagem. É preciso deter-se, primeiramente, nos conceitos de *linguagem e língua* dados pelo genebrino Saussure no célebre Curso de Linguística Geral (CLG), publicado em 1926 por seus alunos Charles Bally e Albert Sechehaye. A relevância dessa leitura é pautada na construção do próprio conhecimento linguístico, uma vez que são construtos limiares capazes de formar o entendimento das teorias desses autores. Sabemos que Saussure definiu a língua como “único” objeto de estudo da Linguística, ao que a fundou como ciência da linguagem humana que investiga as línguas naturais, ou seja, todo *sistema de signos*. A partir desse ícone histórico a linguística moderna entenderá a língua como um *sistema*; consta no CLG (2006, p. 106) que, “a língua é um sistema de signos arbitrários”, além de um princípio de *classificação*”. O estudo da língua passou a ser realizado observando-a como um *objeto unificável e suscetível de classificação*, separada do todo da linguagem e adotada pelos indivíduos para interação verbal; ela é exterior, não pode ser modificada pelo falante e obedece às leis do contrato social estabelecido pela comunidade linguística. De maneira que para os dois teóricos vistos aqui, não se poderia deixar de estudar a língua juntamente com a linguagem. É importante lembrar que Saussure (1926/2006) considerou a linguagem como sendo “heteróclita e multifacetada”, pois é complexa e abrange vários domínios, ele separava do todo da linguagem sua chamada parte social, a língua. Quando se lê no CLG (2006, p.16) a definição de que a “A linguagem tem um lado individual e um

---

<sup>1</sup> O conceito de *subjetividade*, apesar de importante para os estudos benvenistianos, não será apresentado aqui com mais detalhes, mesmo sabendo-se que a enunciação faz emergir tais índices de pessoa.

lado social, sendo impossível conceber um sem o outro”, perpassa a noção da língua ser um produto social formado por convenções.

O estudo da língua é guiada pela análise das estruturas, que não são simétricas e variam conforme a articulação dos termos, além de haver a assimetria nos órgãos fonadores. Essas articulações de elementos linguísticos farão pensar sobre os sentidos construídos pelo uso de conjuntos de estruturas em uma língua. Como usamos uma língua? As estruturas formadas por unidades da linguagem dependem de dois planos, conforme a leitura de Saussure feita por Benveniste (2005, p. 23) o *sintagmático*, referido às relações de sucessão na cadeia falada e o *paradigmático*, quando se propõe possíveis substituições.

O problema da significação refere-se aos questionamentos acerca daquilo que é articulado à língua e à linguagem, de maneira que a língua é um sistema no qual as partes significam conjuntamente. Benveniste (2005, p. 24) esclarece a noção de significação.

[...] a estrutura confere às partes a sua “significação” ou sua função. Isso é também o que permite a comunicação indefinida: como a língua é organizada sistematicamente e funciona segundo as regras de um código, aquele que fala pode, a partir de um pequeníssimo número de elementos de base, constituir signos, depois grupos de signos e finalmente uma variedade indefinida de enunciados, todos identificáveis por aquele que os percebe, pois o mesmo sistema está estabelecido nele. (PLG I, 2005, p. 24)

A língua é a manifestação concreta da linguagem, ela é necessária para que a fala seja inteligível. Lembrando que a língua é a parte social da linguagem, tem-se que a fala é individual. É a relação saussuriana, reformulada por esses autores contemporâneos, entre *linguagem*, *língua* e *fala* que se inscreve como base dos estudos da enunciação. A seguir são apresentados os dois teóricos mencionados e posteriormente cotejados os conceitos; sabe-se que não se trata de um estudo inovador, uma vez que há várias publicações acerca, mas é importante que cada estudioso trilhe seus caminhos de compreensão.

## **2 A ENUNCIAÇÃO SOB O OLHAR DE ÉMILE BENVENISTE**

Ao mencionar a intenção de investigar a enunciação sob o olhar desse linguísta, é uma maneira do olhar como sendo a teoria, portanto, para a compreensão do conceito de enunciação em Benveniste foram investigadas algumas de suas principais produções, além de leituras de si. O linguista francês Charles Bally foi precursor ao voltar a atenção à enunciação, uma vez que no CLG e nos estudos de Saussure não se fazia uma linguística da fala. Ele vê na oração duas partes, o *dictum* (base da oração, ou seja, base semântica da frase) e o *modus* (realização da fala, ou realização de um sujeito modal diante do *dictum*), dessa maneira, o conceito de enunciação para esse autor, comporta a conversão do estudo lógico da frase em análise que considera o sujeito que fala. (FLORES e TEIXEIRA, 2005, p. 18).

A Linguística da Enunciação visa estudar, no espaço da língua, fenômenos que consideram o que é exterior a ela, como sendo um *espaço de liberdade*. (CARBONI, 2008, p. 68). Trata-se de uma nova maneira de ver a linguagem, na qual não se dissocia a língua da fala da maneira que constrói uma linguística da língua em funcionamento, Benveniste demonstrou com seus estudos que o sistema linguístico pode levar em conta os fenômenos da enunciação sem perder sua inscrição no que é sistêmico; na medida em que parte da análise da língua enquanto forma, atribui um lugar para o *sentido* e chega ao *discurso*. Parte então para um estudo da forma e do sentido na linguagem, analisando assim como funciona a significação oriunda do uso da *língua enquanto sistema de signos e instrumento de significação*. Na perspectiva enunciativa a *língua* aparece como relacionada à *fala*, ao que se passa a pensar a existência de um sujeito falante. As atuais teorias linguísticas consideram Benveniste como *o linguista da enunciação*, foi o primeiro a desenvolver, como menciona Flores e Teixeira (2005, p. 29) um modelo de análise da língua especificamente voltado à enunciação. São dois eixos que se destacam ou em que se divide a obra de Émile Benveniste.

O primeiro eixo é da (inter) subjetividade, no qual se analisam dois níveis de significação: o semiótico (signo como unidade semiótica) e o semântico (língua em ação) = SIGNO, língua como sistema de signos (Saussure). No nível semântico a referência é definidora do sentido, de modo que este se relaciona com a relação estabelecida entre as ideias e a situação de discurso. Assim,

[...] ao propor um nível de significado que engloba referência aos interlocutores, apresenta um modelo de análise da enunciação em que os interlocutores referem e co-referem na atribuição de sentido às palavras. Essa distinção possibilita o entendimento da categoria de pessoa e dos conceitos de intersubjetividade e enunciação, básicos em sua teoria. (FLORES e TEIXEIRA, 2005, p. 32).

Na teoria Benvenistiana, o “eu” é pessoa subjetiva; o “tu” é apenas pessoa, a elas se oporá a categoria de não-pessoa, “ele”. O par “eu/tu” está no nível pragmático da linguagem, na instância do discurso e “ele” tem relação de independência da enunciação. É importante lembrar que não há a expressão *sujeito da enunciação* na obra de Benveniste, embora tenha sido a partir de seus estudos que a presença do sujeito passa a ser observada como responsável pela enunciação, como condição para que a linguagem aconteça. “É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui com sujeito.” (BENVENISTE, 2005, p. 286)

O segundo eixo se refere à concepção de *aparelho formal da enunciação*, é este o eixo que nos interessa aqui para compreender como o teórico define a *enunciação*. Instaurado um pensamento diferenciado acerca da linguagem, ao que se convencionou chamar de teoria da enunciação, evocar Benveniste como sendo o “primeiro olhar” dentre os dois teóricos dos quais se investiga o conceito de enunciação justifica-se por ele ser pioneiro nesses estudos, tendo sido inclusive, professor de Oswald Ducrot.

Para Benveniste: “[...] a enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização. [...] A relação do locutor com a língua determina os caracteres linguísticos da enunciação.” (BENVENISTE, 1989, p. 82). Uma vez que o locutor toma a língua como instrumento para construir um sentido, os caracteres que utilizar serão influenciadores do sentido produzido. Não se pode confundir a enunciação com o texto do enunciado, pois ela é o *ato mesmo de produzir o enunciado*. Esse ato de tornar fala a língua é que se configura como sendo a enunciação, de maneira que irá perpassar pelas possibilidades sintagmáticas e paradigmáticas presentes na língua, resultando no *valor semântico* do enunciado. O texto célebre desse autor, com relação à enunciação, é um artigo intitulado *O Aparelho Formal da Enunciação* (1970), nele se define que pela *enunciação a língua* converte-se em *discurso*; o locutor apropria-se do aparelho da língua e se enuncia como locutor.

No uso da língua aquele que fala e o ato de fala, isso é o que estuda a enunciação. Assim introduz *aquele que fala em sua fala*, emergindo os índices de pessoa no discurso, ou seja, a relação *eu/tu*, condições essenciais para que haja a enunciação, mencionado no primeiro eixo de estudo benvenistiano. Dito por Benveniste (1989, p.86): “[...] o homem não dispõe de nenhum outro meio de viver o ‘agora’ e de torná-lo atual senão realizando-o pela inserção do discurso no mundo.” Na medida em que há o sujeito da enunciação em determinando momento, instaura-se a noção de tempo no discurso, valendo-se também da existência dos chamados (por Benveniste) de “estatutos linguísticos”, ou seja, os pronomes demonstrativos e pessoais.

Dois renomados estudiosos, Valdir Flores e Marlene Teixeira (2005) mencionam que Benveniste, a partir de sua obra, principalmente no artigo acima citado, *apaga as fronteiras em ter língua e fala, pois os elementos que o constituem pertence concomitantemente a ambos. A referência seria o que tem estatuto enunciativo*. Se anteriormente foi mencionando que a fala é o uso individual da língua, postulado isso por Saussure (2006), cabe bem a explicação estruturalista de Benveniste (1989) de que “A relação do locutor com a língua determina os caracteres linguísticos da enunciação”. São compreensíveis as explicações de Benveniste que antes da enunciação *a língua não é senão possibilidade de língua, depois ela é efetuada em instância de discurso, que emana de um locutor*.

Ao se analisar o discurso, pergunta-se “como o sentido se forma em palavras”, passando a unir as preocupações do que é semântico e do semiótico, assim são consideradas em busca do sentido, além do ato enunciativo, *as situações em que se realiza e os instrumentos de realização*. A linguística da enunciação, ocupada com o diálogo, ou seja, com o uso da língua manifestado por um locutor a um alocutário põe à baila para discussão as categorias do *eu/tu* não apenas como elementos gramaticais, mas como responsáveis pela construção do sentido no discurso. A temporalidade verbal também é produzida na enunciação, pois a língua está em relação com uma realidade aqui-agora do mundo na fala do locutor. Assim que, Benveniste deixa claro no texto célebre mencionado anteriormente, que o estudo enunciativo parte do ato de produzir o enunciado.

### 3 A ENUNCIÇÃO SOB O OLHAR DE OSWALD DUCROT

Para a Teoria da Argumentação na Língua (ADL), desenvolvida por Oswald Ducrot e Jean Claude Ascombre (1983) o signo tem papel importante, cujo significado é constituído pelas possibilidades de relação semântica com outros enunciados. Já a *significação* é entendida como o valor semântico da frase (entidade abstrata) e o *sentido* é o valor do enunciado (ocorrência particular); o estruturalismo deve, portanto, no que tange à significação, levar em conta a enunciação. Resumindo, a significação está para a língua e o sentido para a fala.

O recorte dado aqui, dentre as diferentes fases da ADL refere-se aos capítulos (IV e VIII), *Estruturalismo, Enunciação e Semântica* e *Esboço de uma teoria Polifônica da Enunciação* na obra *O dizer e o dito* (1987), para encontrar como Ducrot apresenta o conceito de enunciação. Nesse último texto, o autor contesta a unicidade do sujeito, defendendo que um enunciado pode ter mais de um autor. O que há são diferentes representações do sujeito na enunciação, no sentido do enunciado. Com relação ao “objeto teórico língua, não pode ser construído sem fazer-se alusão à atividade de fala.” (DUCROT, 1987, p. 64) Lidas as palavras de Ducrot (1987, p. 65), são transcritas para explicar como o semanticista entende a enunciação:

[...] cada ato de enunciação constitui um acontecimento único, que implica um locutor particular, enquanto que o enunciado (a frase) permanece, por definição, invariável através da infinidade de atos de enunciação de que se pode ser objeto. [...] o enunciado, cuja descrição semântica implica um recurso à enunciação, constitui um elemento da língua (no sentido metodológico do termo), isto é, uma entidade criada pelas necessidades da explicação, e não um dado observável. (DUCROT, 1987, p. 65)

Essa passagem permite notar como Ducrot (1987) deixa claro que difere (um pouco) do conceito de Benveniste tem sobre a enunciação. Uma vez que a enunciação apresenta diferente conceito, o sentido e a significação do enunciado também serão estudados sob outro olhar. Dito por Ducrot (1980, p. 34 *apud* BARBISAN, 2006, p. 30): “O sentido do enunciado é, para mim, uma descrição, uma representação que ele traz de sua enunciação, uma imagem, um acontecimento histórico constituído pelo aparecimento do enunciado”. Ele postula que não há como tomar as palavras (objetos) ao pé da letra para buscar-lhe significados em si mesmos, mas devem ser consideradas com relação a outros objetos (Ducrot, 1987,



p. 67). Para tanto, concorda com a expressão de Benveniste, de o enunciado ser “auto-referencial”, porque somos remetidos ao próprio ato para compreendê-lo. A Ducrot (*idem*) preocupa-lhe a enunciação como produção discursiva pela qual se implica uma realização de ação. A enunciação será atingida por uma chamada *situação jurídica*, pela qual ocorrerá a alternativa obediência-desobediência. As ideias da ADL partem da descrição semântica do enunciado (e, *a fortiori*) da enunciação, por exemplo, ao enunciar:

(A) Pedro comeu pouco.

(B) Pedro comeu um pouco.

Há diferentes possibilidades de conclusão a serem retiradas dos enunciados acima, conforme a orientação escolhida pela enunciação. Um mesmo enunciado pode ter diferentes sentidos, conforme as situações comunicativas, as intenções dos locutores, ou seja, aos sentidos que ele visa construir, fala-se em *realidade semântica* do enunciado. Dito pelo teórico: “[...] enunciações diferentes podem ser enunciações do mesmo enunciado; que há, por exemplo, uma realidade linguística única, subjacente a todas as emissões vocais habitualmente transcritas pela sequência de letras” (DUCROT, 1987, p. 76). Para ele a *enunciação* é o acontecimento discursivo, ou seja, o surgimento do enunciado. Na medida em que surge o enunciado, ele é o objeto de análise para Ducrot e o *sentido* do enunciado, ou o seu valor semântico, é a representação de sua enunciação, trata-se, *do que se considera que a fala, segundo o próprio enunciado, faz*. A maneira como respondem as assertivas do enunciado são chamadas também, pelo teórico (1987), como *efeitos da enunciação ou imagens da enunciação*.

Compreendendo com outras palavras, quando Ducrot (*idem*, p.65) menciona sobre a presença da *enunciação no enunciado*, é preciso pensar em qual situação linguística (lembrando que essa teoria não considera o contexto) o enunciado está e quais as conclusões que lhe são permitidas. Como o exemplo acima citado sobre Pedro, a enunciação proferida por um locutor particular, como sendo um determinado acontecimento único encadeia sequências de conclusões. No caso de Pedro estar doente, ao afirmar (A), pode-se concluir *DC<sup>2</sup> não vai melhorar*, já ao afirmar (B), a sequência a ser escolhida pelo interlocutor é *DC vai melhorar*. A partir daquilo que o teórico postula sobre os encadeamentos conclusivos e transgressivos

---

<sup>2</sup> Conectores pilares da teoria, *donc* (DC) significa ‘portanto’ e *pourtant* (PT) significa ‘mesmo assim.’

presentes na língua como processo de argumentação; que não se pode entender um objeto sem que ele esteja descrito com relação a outros objetos.<sup>3</sup> É a enunciação um dado abstrato e variável, o enunciado não pode ser analisado sem a enunciação, do contrário ficaria *esvaziado do poder pragmático*, e, dependendo da situação difícil de ser compreendido ou com ambiguidade. Ficando mais compreensível a necessidade de ser estudada a semântica e a pragmática sem serem dissociadas.

O enunciado precisa da enunciação para a descrição semântica uma vez que, sendo o *acontecimento*, serão diferentes as situações históricas de realização. O conceito de enunciação aparece na obra de Ducrot (1987, p.168-169):

[...] a enunciação é o produto da atividade do sujeito falante, quer dizer, um segmento de discurso. [...] é o acontecimento constituído pelo aparecimento do enunciado. A realização de um enunciado é de fato um acontecimento histórico: é dado existência a alguma coisa que não existia antes de se falar e que não existirá mais depois. É esta aparição momentânea que chamo “enunciação”. Ressaltar-se-á que não faço intervir na minha caracterização da enunciação a noção de ato – *a fortiori*, não introduzo, pois, a noção de um sujeito autor da dos atos de fala. Não digo que a enunciação de um sujeito é o ato de alguém que produz um enunciado: para mim é simplesmente o fato de que um enunciado aparece.

Para Ducrot (1987), concordando com Benveniste, a semiótica (entendida como estudo do sistema de signos) não pode ser estudada dissociada da semântica (emprego dos signos). A *frase* é entendida por ele como objeto teórico não observável e o *enunciado* é a ocorrência observável da frase, cada um teria um valor semântico específico. A *significação* é atribuída a frase e o *sentido* ao enunciado. A *significação* está relacionada com a estrutura léxico-gramatical da frase e o *sentido*, atribuído ao enunciado pertence ao domínio dos fatos. O enunciado é concebido como *descrição da enunciação*, na qual pode haver dois tipos de personagens, os *locutores* e os *enunciadores*<sup>4</sup>. O enunciado não “fala”, mas tem seu ponto de vista, com o qual o locutor concorda ou não; a presença dos enunciadores é uma forma de polifonia conceituada pela teoria da argumentação na língua.

---

<sup>3</sup> Sabe-se que o uso dos operadores *pouco* e *um pouco* é detalhado pela teoria, mas não consiste no foco desse artigo, os exemplos (A) e (B) tem apenas e intenção de demonstrar como diferentes situações de enunciação constroem o sentido do enunciado.

<sup>4</sup> Na obra *O Dizer e O Dito*, Ducrot (1987), no capítulo VIII, analisará os diferentes enunciadores presentes na enunciação, a isso ele denominará de Polifonia, isso porque considera que não há unicidade do sujeito, mas sim diferentes pontos de vista que surgem na enunciação.

A *descrição da enunciação* consiste em descrever semanticamente o sentido, entendendo o porque o sujeito pode realizar algo com a o enunciado proferido. Flores e Teixeira (2005, p. 70) confirmam que a teoria de Ducrot é uma semântica argumentativa voltada para as questões da enunciação porque considera no sentido do enunciado a presença de diferentes vozes, ou seja, a polifonia e os princípios argumentativos que direcionam um enunciado. O sentido do discurso é visto como pragmático, de maneira que a ADL postula a não há separação entre o semântico e o pragmático, pelo contrário, eles relacionam-se para construção do sentido. Para Ducrot (2005, p. 13):

[...] introduz-se a ideia de que a fala tem, entre suas funções, a de se colocar em cena a si própria, a de produzir, no momento em que se realiza, uma representação de sua própria realização. [...] uma expressão é pragmática na medida em que ela serve para comentar o que se faz na fala.

Uma vez que a produção desse artigo, oriunda de pesquisa bibliográfica, visa a cotejar os conceitos elaborados pelo olhar de dois linguistas diante da enunciação, fez-se limiar a consulta ao Dicionário de Enunciação (2009, p. 102-104), que é uma alternativa objetiva e determinante, no verbete enunciação, a saber:

Para Émile Benveniste a definição: “colocação da língua em funcionamento por um ato individual de utilização”

Para Oswald Ducrot a definição: “acontecimento constituído pelo aparecimento do enunciado.” Ao construir uma teoria do sentido, considera-o como produto da enunciação.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

É possível perceber, mesmo que superficialmente, dada a complexidade teórica como o conceito de enunciação cruza-se em ambos teóricos que o encontro parece estar na origem saussuriana.

Para Benveniste é o *ato*, para Ducrot é o *fato*. Ou seja, o primeiro constrói sua teoria sob o *ato* enunciativo que vai refletir as marcas deixada na enunciação através das categorias de pessoa, com tais categorias é que observará a significação e o sentido do enunciado. Já para Ducrot, o que será analisado para a

construção do sentido do enunciado é o *fato*, ou seja, conforme a situação linguística aquilo que é pronunciado continuará o encadeamento em uma construção que fará sentido.

Diante dos dois conceitos lado a lado, pode-se perceber, como consideração final, as diferentes perspectivas dadas ao estudo da enunciação, enquanto o primeiro focaliza mais a atenção ao ato enunciativo que faz surgir com o uso da língua as categorias de pessoa eu/tu como sujeito falante; Ducrot olha para o aspecto da construção do sentido do discurso que a enunciação oferece a cada enunciado. A enunciação de um visa à presença do sujeito como categoria discursiva e para outro a determinação da construção do sentido do discurso. Para Benveniste é o ato do aparecimento de um enunciado e para Ducrot é o fato (determinante as possibilidades de sentidos) que importa tais teóricos estudam de maneira significativa para a Linguística, a língua funcionando e a língua significando. A comparação demonstrou as possibilidades de estudo, conforme ambas as perspectivas, de distintos objetos linguísticos, como *valor, significação, sentido, sujeito e língua*. Percebe-se que é somente na enunciação que certos signos passam a existir, e por conseguinte, diferentes significados.

Esse é um dos panoramas da linguística contemporânea no que tange ao conceito de enunciação, tão caro para ambos os autores e significativo para os estudos enunciativos e linguísticos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBISAN, L. B. *O conceito de enunciação em Benveniste e Ducrot*. In: GIACOMELLI, K.; PIRES, V.L. (Orgs). *Émile Benveniste: interfaces enunciação & discurso*. Letras n 33, jul./dez. 2006, PPGL Editores, UFSM.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral I*. 4ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 2005.

BENVENISTE, Émile. *O Aparelho Formal da Enunciação*. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral*, v. 2, Campinas, São Paulo: Pontes, 1989. (PP.81-90)

CARBONI, Florence. *Introdução à Linguística*. Belo Horizonte: Autêntica, 2208.

DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987.

\_\_\_\_\_. *A pragmática e o estudo semântico da língua*. Letras de Hoje. Porto Alegre. v.40, n. 1, p. 9-21, 2005.

FLORES, Valdir do Nascimento. *Por que gosto de Benveniste?* Desenredo. V.1, n.2, p.127-138, jul/dez. 2005.

FLORES, Valdir do Nascimento e TEIXEIRA, Marlene. *Introdução à Linguística da Enunciação*. São Paulo: Contexto, 2005.

FLORES, V.N.; BARBISAN, L.B; FINATTO, M.J; TEIXEIRA, M. *Dicionário de Linguística da Enunciação*. São Paulo: Contexto, 2009.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.

NORMAND, Claudine. *Saussure-Benveniste*. In: GIACOMELLI, K.; PIRES, V.L. (Orgs). *Émile Benveniste: interfaces enunciação & discurso*. Letras n 33, jul./dez. 2006, PPGL Editores, UFSM.